



## Ainda para e sobre Algirdas Julien Greimas

Waldir Bevidas \*  
Eliane Soares de Lima \*\*  
(Editores convidados)

J'ai choisi un rôle ingrat – qui, à un moment donné, m'a même valu le titre de 'linguiste non linguiste' – soit être l'un des premiers, du moins en France, à affirmer que la langue humaine signifie quand même quelque chose, que ce qu'elle signifie est accessible aux autres humains et peut devenir objet d'étude. Cette lutte pour l'importance de la signification, pour l'attribution du statut scientifique aux recherches sémiotiques, a marqué l'une des premières étapes de ma carrière scientifique.

(Algirdas Julien Greimas \*\*\*)

A presente edição da revista *Estudos Semióticos* se oferece ao leitor como segundo número especial em homenagem ao centenário do nascimento de Algirdas Julien (Julius) Greimas (1917-1992), criador em solo francês da chamada Teoria Semiótica, adjetivada também de Semiótica Narrativa e Discursiva. Assim como a edição anterior (volume 13, n. 2, 2017), a maioria dos 18 textos reunidos nesta nova publicação resulta de comunicações, palestras, intervenções proferidas por pesquisadores estrangeiros e brasileiros durante os colóquios e congressos havidos ao longo do ano de 2017 em homenagem ao semioticista lituano, radicado na França, o nosso homenageado. Igualmente aqui, tenham nosso mais profundo agradecimento tanto os autores que nos submeteram seus artigos, quanto os tradutores dos textos estrangeiros – identificados ao início dos artigos concernentes – e também toda a equipe da *Estudos Semióticos*, sem a qual esta homenagem não teria sido possível. Além disso, ficamos muito felizes em poder contribuir para que a revista ultrapasse, com este número, o total de 300 artigos

publicados desde a sua primeira edição em 2005.

Os maiores feitos da teoria semiótica de Greimas, dentre os méritos de ter resgatado e fomentado, em meados do século passado, o pensamento do linguista suíço Ferdinand de Saussure e introduzido no solo francês a notável e fecunda teoria da linguagem do dinamarquês Louis Hjelmslev, precisam, num momento como este, ser ressaltados. Aqui o fazemos sob a perspectiva de três grandes gestos:

1. Ter erigido o conceito de *narratividade* como a mola mestra de comando do imaginário humano, individual ou coletivo: o homem pensa e vive narrativamente e, assim, o mundo *faz sentido*.
2. Ter construído, independente e paralelamente às proposições do eminente linguista Émile Benveniste, nos anos 1960, uma *linguística do discurso*, para além da linguística do signo e da frase. As estruturas discursivas não se compõem de somatórias de signos e de justaposições de frases, mas advêm de um “percurso gerativo da significação”,

\* Professor livre-docente do Departamento de Linguística e do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo e um dos coordenadores do Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP). Endereço para correspondência: ( waldirbevidas@usp.br ).

\*\* Pós-Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP). Endereço para correspondência: ( li.soli@hotmail.com ).

\*\*\* “Regard d'un sémioticien sur la langue”, in: Greimas, A. J. *Du sens en exil : chroniques lithuaniennes*. Textos reunidos por Saulius Žukas et Kęstutis Nastopka, apresentados por Ivan Darrault-Harris e Denis Bertrand. Trad. Lina Perkauskytė. Limoges: Lambert-Lucas, 2017, p. 59-60.

cujas estruturas mínimas se originam em nível *aquém* dos signos e cujas estruturas máximas se estendem para *além*, ao texto-discurso global.

3. Ter tornado real o sonho saussuriano de uma *Semiologia* que estudasse o papel do signo na construção da vida social. Semiologia que, por sugestão do grande linguista Roman Jakobson, em nome da tentativa de unificação das pesquisas americanas da Semiótica do notável e fecundo filósofo americano Charles Sanders Peirce com as pesquisas saussurianas da Europa, cedeu seu nome ao que, então, passou a se chamar Teoria Semiótica europeia.

A força desses três gestos logo revelou suas potencialidades e valor heurístico, seja no campo descritivo dos novos objetos, não linguísticos, seja no campo reflexivo das condições de *emergência* do sentido no mundo humano. No primeiro campo, de uma linguagem em particular, a língua natural, a semiótica logo se lançou ao encaço de generalizar suas descobertas e análises às linguagens em geral. Das análises semióticas de textos literários, poéticos, ampliou suas investigações às estruturações da linguagem da pintura, da publicidade, do cinema, dos quadrinhos, das novas linguagens que compõem atualmente o vasto mundo virtual dos internautas, etc. No segundo campo, logo se abriu a investigações de cunho filosófico, fenomenológico, sobre a inscrição do sentido no corpo, na percepção, tanto quanto se abriu a hipóteses naturalistas sobre a emergência do sentido à escala dos organismos animais, elementares, aquém do homem. Tudo sob uma espécie de imperativo deontológico primeiro: onde haja qualquer vestígio da presença de algum *sentido*, lá o semiótico deve estar, para investigar os modos de sua construção e os modos de sua manifestação.

Os artigos que compõem esta segunda parte da homenagem ao centenário do nascimento de Greimas comprovam esse espraimento da teoria semiótica e a sua operacionalidade nos vários domínios da contemporaneidade. A seção “Testemunhos e explorações teóricas”, por exemplo, apresenta nesta edição textos de quatro semióticos que, num diálogo direto com questões de ordem teórica, contam um pouco do primeiro contato com a semiótica e da produtividade desse encontro para suas pesquisas. Matheus Nogueira Schwartzmann (Universidade Estadual Paulista, Assis - SP, Brasil), cujo artigo abre este segundo número especial da revista, discute a noção de texto na perspectiva da teoria greimasiana, buscando mostrar a sua força metodológica e o seu modo de articulação com os desenvolvimentos mais recentes, sobretudo na perspectiva das práticas e dos níveis de pertinência da análise semiótica, conforme propostos por Fontanille. Por sua vez, Sílvia Maria de Sousa (Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, Brasil) reflete sobre

as consequências de uma tomada de posição teórica na constituição do perfil de um pesquisador, sobre a teoria em si e sobre um modo de conceber os Estudos de Linguagem. Remetendo à força do imponderável, Elizabeth Harkot-de-La-Taille (Universidade de São Paulo, Brasil) abre caminho para uma discussão sobre a complexidade do conceito de figuratividade, tanto no chamado “mundo natural”, quanto no discurso. E o testemunho de Renata Mancini (Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, Brasil) mostra, por fim, a partir da proposta de uma leitura tensiva das modalidades veridictórias e de um tratamento em graus da concessividade, como a abordagem greimasiana dos fenômenos de construção do sentido renova-se, no contexto contemporâneo, no acolhimento dos novos desafios colocados à teoria, que, graças a sua coerência, mantém-se robusta e produtiva.

Essa produtividade é comprovada por muitos dos quatorze artigos presentes na seção “Releituras, propostas e aplicações” desta edição, que, assim como no número anterior, também conta com estudos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Fazendo uma retomada da obra que deu início a todo o edifício conceitual da perspectiva semiótica, *Semântica estrutural* (*Sémantique structurale*, 1966), o texto de Denis Bertrand (Universidade Paris VIII-Saint-Denis, França) abre a seção. A proposta do autor é interrogar a sensibilidade material que orienta a reconstrução científica do semantismo nesse livro, considerando-a uma poética, a passagem da construção analítica à expressão literária. Conforme explica o próprio semiótico, “esse procedimento libera efetivamente as potencialidades interpretativas do texto dos enclaves em que se encontra sua essência, tornando-as, então, formalmente descritíveis – ao mesmo tempo que assume sua parcela inevitável de eclipse e imperfeição”.

Alessandro Zinna (Universidade de Toulouse II-Jean Jaurès, França), de seu lado, assenta sua reflexão sobre uma outra obra greimasiana também muito importante para a constituição inicial da teoria semiótica, *Sobre o sentido* (*Du sens*, 1970). O semiótico italiano, ao traçar o projeto greimasiano para o estudo da significação, propõe uma leitura crítica e atualizada dessa publicação. Para além de uma descrição do conteúdo dos ensaios, são mencionados os diálogos estabelecidos com as preocupações da época, e, sobretudo, as aberturas e contribuições possíveis da teoria semiótica ao contexto de pesquisa contemporâneo.

Já Luiz Tatit e Waldir Bevidas (Universidade de São Paulo, Brasil) preferem eleger para a sua discussão, não a releitura de um texto em especial, mas de um conceito central para o desenvolvimento da teoria, o de narratividade. Dessa forma, os autores propõem abordar a noção a partir de três novas direções: a compreensão da tensividade implícita no modelo narrativo

greimasiano, a partir das proposições heurísticas de Claude Zilberberg; a incorporação da narratividade, concebida como antropologia do imaginário, ao regime tímico-pulsional defendido por Jean Petitot; e, por fim, a entrada da semiótica no debate sobre as “grandes narrativas da antropogênese”, nas quais se encaixam as narrativas científico-evolucionistas sobre a espécie humana, as narrativas humanistas da “exceção humana”, as narrativas fenomenológicas da “diferença antropológica”, para colocar em evidência a presença e a ação da linguagem nesse contexto.

Numa direção parecida vai o artigo de Sémir Badir, Stéphane Polis e François Provenzano (Ltr 13 - Universidade de Liège, Bélgica), que tomam a proposta de pesquisa coordenada por Greimas e Landowski no livro *Introdução à análise do discurso em ciências sociais* (*Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*, 1979) para apresentar um balanço crítico a respeito do debate em torno da problemática das tipologias do discurso. Cotejando os postulados do método semiótico com os de outros modelos analíticos, os autores levantam algumas interrogações teóricas sobre a questão – poderia uma tipologia do discurso se colocar acima dos postulados teóricos que embasam as correlações entre modelos de análise e tipos de discurso? em caso negativo, o que estaria em jogo na questão tipológica? – e, assim, lançam luz sobre as posições defendidas por uns e outros nesse debate teórico, que, ao longo das três últimas décadas, não deixou de evoluir.

Ainda na esteira das proposições e das releituras, coloca-se também o texto de Luisa Ruiz Moreno (Benemérita Universidade Autónoma de Puebla, México), cujo estudo propõe, a partir de uma retomada da obra greimasiana *Da imperfeição* (*De l'imperfection*, 1987), problematizar a diferença entre os termos *eficácia* e *eficiência*, frequentemente tomados como sinônimos, para extrair daí toda a riqueza que tal distinção contém para a teoria da significação. De acordo com a semiótica, essa distinção, ainda que mínima, não deixa de ser considerável, semioticamente falando, sobretudo à luz da noção de competência, compreendida então como a condição de possibilidade e fonte gerativa da significação.

O fato semiótico, o ato de semiose, aparece no centro da preocupação do texto de Jean-François Bordron (Universidade de Limoges, França), de modo que, ao conceber a iconicidade como um traço essencial da realidade, assim como também o é de certos planos da expressão, o autor procura elucidar a possibilidade de um ícone poder reivindicar alguma forma de verdade; isso porque, segundo ele irá demonstrar, percorrendo diferentes níveis de análise do ícone, ainda quando não corresponda a nada que tenha presença em nosso mundo, contentando-se, por assim dizer, em existir por si mesmo, um ícone indica, todavia, a possibili-

dade de algum tipo de mundo que se pode, por meio dele, explorar ou sonhar.

O alcance operacional da semiótica de Greimas para além do domínio acadêmico é demonstrado ainda pelo artigo de Paulo Eduardo Lopes (Doutor pela Universidade de São Paulo, Brasil), que relata experiências reais de emprego da semiótica greimasiana na gestão estratégica de uma grande empresa do setor financeiro. Seu texto, como destaca o próprio articulista, focaliza – diferentemente dos estudos aplicados à gestão empresarial que privilegiam áreas ligadas ao marketing, como o *branding* e a propaganda – contribuições teóricas para a redefinição de conceitos e o desenvolvimento de novos métodos para práticas administrativas, tais como o modelo de relacionamento com clientes, a análise do macroambiente e o processo de planejamento estratégico.

Também com a atenção voltada à operacionalidade oferecida pelo ferramental teórico-metodológico da semiótica greimasiana, Regina Souza Gomes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil) busca, por sua vez, explicitar a atualidade e a importância da categoria aspectual para a compreensão mais refinada da construção do sentido dos textos, seja tomando-a como um procedimento do nível discursivo que incide sobre o tempo, a pessoa e o espaço, seja como uma nova contribuição metodológica capaz de acolher o acento e a gradação, os afetos e a percepção, conforme sugerem os desenvolvimentos da semiótica tensiva. Para isso, a semiótica brasileira recorre a discursos considerados progressistas nos comentários de matérias polêmicas de veículos de imprensa no Facebook. Seu intuito é depreender as sutilezas da construção do sentido nesses textos, tanto para explicar como se caracterizam certos gêneros discursivos, quanto para descrever os seus estilos semióticos.

O texto de Norma Discini (Universidade de São Paulo, Brasil) também elege a noção de aspecto como seu ponto de partida, reiterando o diálogo com a proposta da semiótica tensiva de Claude Zilberberg. Por meio de uma análise minuciosa de duas novelas gráficas (HQs) – *A metamorfose*, adaptação de Peter Kuper, e *Tounga et les hommes rouges*, de Édouard Aidans –, seu objetivo é examinar os mecanismos de construção do sujeito da enunciação, enquanto enunciador e enunciatário, como ator provido de determinado corpo, de certo modo sensível de ser e agir no mundo, e, portanto, como estilo. Segundo justifica a autora, a partir daí, dois tipos de sincretismo verbovisual – por mescla e por fusão – apontarão para corpos perfectivos ou imperfectivos, na relação estabelecida entre pessoa, tempo e espaço percebidos no interior desses textos desde as suas profundidades figurais.

Numa outra forma de abordagem, mais teórica do que analítica, Francesco Marsciani (Universidade de Bolonha, Itália) também aborda a problemática da fe-

nomenologia, mas chamando a atenção desta vez para o fato de uma teoria da enunciação de natureza semiótica não poder prescindir da consideração radical da dimensão intersubjetiva que representa a instância constitutiva do sentido do mundo. Assim, seu artigo discute como a teoria da significação ainda não se conciliou suficientemente com esta opção fundamental, bem como a necessidade de integrar, na teoria da enunciação, um entendimento propriamente intersubjetivo da constituição de sentido, uma autêntica abordagem da alteridade, na qual se possa descrever a produção de intenções comunicativas a partir de uma intencionalidade transcendental, mais fundamental.

Jean Cristtus Portela (Universidade Estadual Paulista, Araraquara - SP, Brasil), por sua vez, apresenta um estudo epistemológico e histórico sobre a historiografia da semiótica do discurso, com o intuito de propor uma leitura crítica do modo como os semioticistas ocuparam-se da história da semiótica. A partir de reflexões desenvolvidas no âmbito da história das ideias linguísticas (Auroux) e no quadro dos estudos históricos e conceituais da semiótica (Coquet, Arrivé, Hénault, Landowski, Zilberberg, entre outros), o semioticista brasileiro analisa abordagens historiográficas sobre a semiótica do discurso, no que diz respeito aos seus objetivos, à sua metodologia e ao seu objeto. A partir daí, distingue dois tipos de fazeres historiográficos correntes até o momento entre os semioticistas: aquele dos cronistas e aquele dos inovadores. Ademais, e ao mesmo tempo, ele propõe os fundamentos mínimos do que chama de uma “meta-historiografia de inspiração semiótica”.

Por fim, concluindo esta segunda edição especial de homenagem aos cem anos do nascimento de Greimas, os três últimos artigos da seção “Releituras, propostas e aplicações” dedicam-se a mostrar a operacionalidade da proposta greimasiana, e também dos desenvolvimentos dela decorrentes, para a análise de textos mais contemporâneos, nos mais variados tipos de discurso e sistemas de significação.

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte (Universidade de São Paulo, Brasil), por exemplo, busca preencher as lacunas ainda existentes na análise de esculturas. Nesse sentido, ao concebê-las como um sistema semiótico plástico, ele propõe, com base nos estudos pioneiros de Jean-Marie Floch, duas perspectivas de investigação: a escultura enquanto texto, formada nas relações entre os significados e suas expressões plásticas; a escultura enquanto objeto de valor, segundo os modos de valorizar a escultura por seus coenunciadores. O texto mostra a partir daí que no primeiro caso, como procura explicar e ilustrar o autor, tratar a escultura enquanto texto equivale a descrevê-la por meio das relações entre os dois planos da linguagem, o plano de conteúdo (instância dos significados da escultura, gerados em seus percursos narrativos

e discursivos) e o plano de expressão (instância da manifestação daqueles significados em disposições de cores e formas); enquanto no segundo, o discurso da escultura a torna, na instância da enunciação, objeto de valor ao alcance dos sujeitos da enunciação, os coenunciadores do discurso.

Com o objetivo de validar o instrumental da teoria semiótica na análise de textos pouco convencionais dentro da esfera de seus próprios gêneros, o estudo de Loredana Limoli (Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil) e Ana Paula Ferreira de Mendonça (Universidade Estadual do Paraná, Brasil) apresenta uma leitura de objetos provenientes de três modalidades artísticas, de predominância visual ou verbovisual: uma minissérie televisiva, uma *graphic novel* e alguns exemplares de infográficos artísticos. A autoras atentam-se em detalhar através de seus comentários as mudanças nos modos de fazer-ver em cada um dos gêneros examinados e que parecem acompanhar não apenas as transformações da tecnologia, mas, principalmente, conforme enfatizado por elas, as metamorfoses do homem moderno, um sujeito plural, instável, sempre movido pelo querer-ver.

O artigo de Maria Pia Pozzato (Universidade de Bolonha, Itália), com o qual se conclui este dossiê especial de homenagem a Greimas, retoma a questão da figura pública do “líder carismático” sob a chave semiótica. Interessa à autora, primeiro, introduzir um ponto de vista especificamente semiótico sobre a questão, para depois, operar algumas distinções entre conceitos que podem ser facilmente confundidos pela sua contiguidade semântica e, ao mesmo tempo, demonstrar que disciplinas diferentes podem dialogar de maneira profícua. A partir da contraposição entre um corpo-texto e um corpo-dispositivo de semiose em ato, ela apresenta e discute os vários modelos de inscrição de um significado no corpo do líder carismático, que pode se fazer de tempos em tempos ou como suporte estável de uma memória social, ou, ao invés disso, como elemento de uma presença inovadora e em ruptura com a tradição.

Bastante diferentes, embora dialoguem sobre um mesmo pano de fundo, o de uma epistemologia amplamente compartilhada, os trinta e cinco trabalhos reunidos nas duas edições especiais de homenagem ao centenário do nascimento de Greimas (partes I e II) têm *a priori* o mérito de nos proporcionar uma bela amostra da vitalidade, no cenário internacional, da herança intelectual de Greimas, desse projeto em construção e, por isso mesmo, assumidamente “imperfeito”, iniciado por ele. Os estudos aqui apresentados atestam a capacidade da teoria greimasiana de se renovar e de surpreender em suas possibilidades de descrição do sentido nas mais variadas formas de manifestação.

Assim, nossa expectativa é a de que o conteúdo desses textos sirva não apenas como fonte de referência, mas, sobretudo, como um estímulo ao desafio (e

aos benefícios!) de, por um lado, encarar um conhecimento mais aprofundado do instrumental teórico-metodológico oferecido pela semiótica de Algirdas Julien Greimas, e de lançar, por outro, novas propostas e refinamentos para o seu contínuo avanço.

Tomados, pois, de grande alegria e satisfação por poder trazer ao público leitor da revista *Estudos Semióticos* trabalhos tão relevantes, desejamos a todos uma excelente leitura! ●

---

### Como citar este artigo

BEVIDAS, Waldir; SOARES DE LIMA, Eliane. Ainda para e sobre Algirdas Julien Greimas. *Estudos Semióticos*. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. i-v. Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Acesso em “dia/mês/ano”.

---